

Berkeley e o pirronismo*

RICHARD H. POPKIN

Tradução de Jaimir Conte (Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC). E-mail: conte@usp.br

Berkeley deu grande ênfase à importância vital de refutar o ceticismo em seus *Comentários filosóficos* (*Commonplace Book*), *Princípios do conhecimento humano*, e *Diálogos entre Hylas e Philonous*, mas muito pouca atenção tem sido dada a este aspecto de seu pensamento. Neste artigo, tentarei mostrar que a exploração deste tema lança alguma luz sobre os objetivos, importância, e possíveis origens de algumas das ideias de Berkeley.

O título completo dos *Princípios* é *Tratado sobre os princípios do conhecimento humano, no qual se investiga as principais causas dos erros e dificuldades nas ciências e os fundamentos do ceticismo, do ateísmo, e da irreligião*¹. O título completo dos *Diálogos* é *Três diálogos entre Hylas e Philonous, cujo propósito é demonstrar claramente a realidade e a perfeição do conhecimento, a natureza incorpórea da alma e a providência imediata de uma divindade em oposição aos cétricos e ateus, assim como descobrir um método para tornar as ciências mais fáceis, úteis e sucintas*². As introduções de cada obra, assim como várias notas nos *Comentários filosóficos*, explicam em grande medida a intenção do autor de refutar os cétricos e ateus. Na seção inicial da introdução aos *Princípios*, Berkeley havia dito que a tentativa de entender a natureza das coisas tinha levado os homens a todos os tipos de “singulares paradoxos, dificuldades e inconsistências,... E finalmente, tendo divagado por muitos labirintos intrincados, nos encontramos exatamente no mesmo ponto em que estávamos ou pior: somos lançados em um ceticismo desesperado.”³ E alguns parágrafos mais adiante, Berkeley afirmou que sua intenção era descobrir as origens dos absurdos e contradições introduzidos na filosofia e eliminá-los.⁴

O Prefácio aos *Diálogos* é quase inteiramente dedicado a afirmar e reafir-

mar que a intenção do autor é destruir o ateísmo e o ceticismo. O ceticismo surge da distinção entre a natureza real das coisas e a sua natureza aparente, e tal distinção leva a todos os tipos de paradoxos e perplexidades. Os princípios de Berkeley livrariam os homens dessas dificuldades. “*Se os princípios que aqui me esforço para propagar forem admitidos como verdadeiros, as conseqüências que, eu penso, evidentemente decorrem são que o ateísmo e o ceticismo serão por completo destruídos, muitas questões intrincadas tornadas claras, grandes dificuldades serão resolvidas, várias partes inúteis da ciência serão eliminadas, a especulação será submetida à prática, e os homens serão reconduzidos dos paradoxos ao senso comum.*”⁵

Em seus cadernos de anotações, os *Comentários filosóficos*, Berkeley anotou várias vezes que o ceticismo era a visão contra a qual ele estava se opondo, ou, que ela era diretamente contrária àquela que ele estava defendendo. “O contrário do Princípio [de Berkeley] que assumi tem sido a principal fonte de todo esse ceticismo e loucura, de todas essas contradições e inextricáveis enigmas absurdos, que em todas as épocas tem sido uma censura à razão humana”⁶. “Estou mais distante do ceticismo que qualquer homem”⁷. E, finalmente, numa carta que Berkeley escreveu a Sir John Percival em 6 setembro de 1710, a respeito da reação inicial aos *Princípios*, ele disse: “quem ler o meu livro com a devida atenção verá claramente que há uma oposição direta entre os princípios nele contidos e os dos cétricos.”⁸

Na carta a Percival citada acima, Berkeley revelou que um de seus grandes receios quando publicou os *Princípios* era que ele poderia ser considerado um cético. A carta de Percival, de 26 de agosto de 1710, indica que uma tal consideração já estava sendo apresentada.⁹ E, claro, é irônico mas é verdade que muitas vezes no século XVIII Berkeley foi interpretado como o maior cético de todos por figuras como Andrew Baxter e David Hume.¹⁰

Com toda essa ênfase sobre os cétricos e o ceticismo, parece razoável investigar por que Berkeley estava tão descontente com essa visão. Quem ele estava atacando? Por que essas pessoas necessitam de uma firme refutação?¹¹ Alguns estudiosos, como G. A. Johnston, enfatizaram o fato que Berkeley desejava provar que Locke e Descartes, e talvez Malebranche, eram cétricos.¹²

Mas aparentemente pouca ou nenhuma atenção tem sido dada às questões sobre o que o ceticismo representava para Berkeley, por que ele o considerava tão aterrador, por que considerava que ele estava em completa oposição ao senso comum, que papel a identificação do cartesianismo e lockeanismo com o ceticismo desempenha no pensamento de Berkeley, e qual era a relação do conceito Berkeleyiano de uma atitude com respeito ao ceticismo com a concepção de ceticismo na época de Berkeley. Neste artigo tentarei responder essas questões pelo menos em parte. A resposta que oferecerei é uma maneira de interpretar Berkeley à luz de seus pontos de vista sobre o ceticismo e o desenvolvimento do ceticismo pirroniano na época. Uma tal interpretação torna possível explicar em vez de ingorar a ênfase sobre o ceticismo nos *Princípios*, *Diálogos* e *Comentários filosóficos*. Parece provável que um autor que dedica tanto tempo para discutir semelhante concepção deve ter alguma razão para fazer isso. Ao oferecer minha explicação desta razão, também apresentarei uma hipótese em relação a parte do desenvolvimento das concepções de Berkeley, em termos dele ter tido o que Pierre Villey chamou “la crise pyrrhonnienne”¹³ – a compreensão da força e consequências do pirronismo. Uma tal crise, acredito, deve ter acontecido a Berkeley ao ler certas passagens do *Diocionário* de Pierre Bayle, e levou Berkeley a descobrir sua “refutação” do ceticismo.

Em primeiro lugar, o que Berkeley significa por ceticismo? Esta doutrina é definida explícita ou implicitamente nos *Comentários filosóficos* e nos *Diálogos*. De modo geral Berkeley atribui três doutrinas aos céticos: (1) o cético duvida de tudo;¹⁴ (2) o cético duvida da validade das coisas sensíveis;¹⁵ (3) o cético duvida da existência dos objetos reais como corpos ou almas.¹⁶ Estas três diferentes opiniões constituem, para Berkeley, o núcleo da concepção cética. A segunda e a terceira são corolários da primeira, e eram para Berkeley as características mais interessantes da posição.

Antes de considerar minuciosamente a análise de Berkeley do ceticismo, vejamos como ela se relaciona com as discussões do ceticismo nos séculos XVII e XVIII.

Existem dois artigos do *Dictionnaire historique et critique* de Pierre Bayle

que parecem formar a base, ou pelo menos parte da base, da concepção de Berkeley sobre o ceticismo. Estes são os artigos sobre Pirro de Élis e sobre Zenão o Eleático. Há muita evidência nos *Comentários filosóficos* que Berkeley estava familiarizado com esses artigos. Se examinarmos parte do material nesses artigos e a forma como Berkeley aparentemente usou este material, e a evidência que Berkeley estava se referindo a este material nos *Comentários filosóficos*, acredito que encontraremos a chave do interesse de Berkeley no ceticismo, e então seremos capazes de interpretar as discussões e refutações do ceticismo por parte de Berkeley nos *Princípios e Diálogos*.

A primeira passagem de Bayle que é relevante aqui está na famosa nota B no artigo sobre Pirro, onde Bayle relata uma discussão entre dois ábades sobre os perigos do pirronismo para a religião. Um dos ábades está mostrando a força do pirronismo contra a teologia cristã e faz uma digressão para mostrar o apoio adicional que os pirrônicos poderiam ganhar dos novos filósofos, e a relação do pirronismo e a filosofia moderna. Desde o desenvolvimento do cartesianismo, somos informados,

nenhum entre os filósofos genuínos dúvida agora, mas os céticos estão no direito de sustentar, que as qualidades dos corpos que atingem os nossos sentidos são apenas meras aparências. Cada um de nós pode dizer, *eu sinto o calor diante do fogo*, mas não *sei que o fogo é em si mesmo tal como me aparece*. Esse era o estilo dos pirrônicos antigos. Mas agora a nova filosofia fala mais positivamente: calor, cheiro, cores, etc., não estão nos objetos de nossos sentidos, são apenas algumas modificações de minha alma; eu sei que os corpos não são como eles me aparecem. Eles estavam dispostos a excetuar a extensão e o movimento, mas não puderam fazê-lo; pois se os objetos de nossos sentidos parecem coloridos, quentes, frios, com cheiro, embora não sejam assim, por que eles não poderiam parecer extensos e figurados, em repouso e em movimento, embora eles não tenham nada disso. Mais ainda, os objetos dos meus sentidos não podem ser a causa das minhas sensações: eu poderia, portanto, sentir frio e calor, ver cores, figuras, extensão e movimento, ainda que não houvesse nenhum corpo no mundo. Não tenho, portanto,

uma boa prova da existência de corpos.¹⁷

Então, depois de se referir a Malebranche em apoio deste último ponto, o abade passa a demolir o argumento cartesiano a favor da existência dos corpos a partir do fato de que Deus não é um enganador. Assim, todas as qualidades, tanto primárias como secundárias, são reduzidas a meras aparências, condições subjetivas da mente. A realidade das coisas sensíveis é negada. Além disso, uma vez que não existe nenhuma necessidade de corpos reais para produzir as aparências, e não há prova da existência de corpos reais, a realidade dos corpos é negada. E isso é o que Bayle ofereceu como o pirronismo desenvolvido a partir da nova filosofia, ou a nova filosofia desenvolvida a partir do pirronismo.

No artigo sobre Zenão, na nota G, Bayle argumenta contra a existência real da extensão. Mais uma vez, ele afirmou que o tipo de pirronismo ou de argumentos céticos que levou os filósofos a negar a realidade das qualidades secundárias deveria levá-los a negar a realidade das qualidades primárias.

Acrescente a isso [um conjunto de argumentos anteriores], que todos os *modos de suspensão* que destroem a realidade das qualidades corpóreas, destroem a realidade da extensão. Uma vez que os mesmos corpos são doces para alguns homens, e amargos para outros, pode-se razoavelmente inferir que eles não são nem doces nem amargos em sua natureza, e absolutamente falando. Os filósofos modernos, embora não sejam céticos, compreenderam muito bem o fundamento da epoché [*epoché*, suspensão do juízo] com relação aos sons, odores, calor, e frio, dureza, e maciez, peso e leveza, sabores e cores, etc, que eles ensinam que todas essas qualidades são percepções da nossa mente, e não existem nos objetos de nossos sentidos. Por que não deveríamos dizer a mesma coisa da extensão? Se um ser, desprovido de cor, parece-nos contudo de uma determinada cor em relação a sua espécie, número e situação, porque não pode um ser, sem qualquer extensão, ser visível para nós, sob uma aparência de determinada extensão, forma, e situado numa certa posição? Observe, também, que o mesmo corpo parece-nos menor ou

maior, redondo ou quadrado, de acordo com o lugar de onde o vemos: e, certamente, um corpo que nos parece muito pequeno, parece muito grande para uma mosca. Não é, portanto, pela sua própria, real, ou absoluta extensão que os objetos se apresentam à nossa mente: de onde podemos concluir que em si mesmos eles não são extensos. Nessa época você argumentaria assim: *Visto que certos corpos parecem doces a um homem, azedos a um outro, e amargos para outro, etc. devo afirmar que em geral eles são saborosos, embora eu não conheça o sabor próprio deles, absolutamente e em si mesmos?* Todos os filósofos modernos reprovariam você. Por que então você se arrisca a dizer, *uma vez que certos corpos parecem muito grandes para este animal, de porte médio para aquele, e muito pequenos para um terceiro, devo afirmar que em geral eles são extensos, embora eu não conheça a sua extensão absoluta.*¹⁸

Este mesmo tema foi discutido na nota H no artigo sobre Zenão, onde Bayle afirmou:

Existem dois axiomas filosóficos que nos ensinam, um que a natureza nada fez em vão; o outro, que se faz em vão por mais meios o que se pode fazer comodamente com menos. Por meio desses dois axiomas os cartesianos, de quem estou falando [Malebranche, Fardella, etc.], podem sustentar que nenhuma coisa tal como a matéria existe; pois se ela existe ou não, Deus poderia igualmente nos comunicar todos os pensamentos que temos. Dizer que nossos sentidos nos asseguram, com a máxima evidência, que a matéria existe, não é prová-la. Nossos sentidos nos enganam a respeito de todas as qualidades corpóreas, não excetuando a magnitude, a figura, e o movimento dos corpos, e quando acreditamos neles, somos persuadidos que fora de nossa mente existe um grande número de cores, sabores, e outros seres, que chamamos dureza, fluidez, frio, quente, etc., mas não é verdade que qualquer coisa semelhante existe fora da mente. Por que então deveríamos confiar em nossos sentidos com respeito à extensão? Ela poderia muito bem ser reduzida à aparência da mesma maneira como as cores.¹⁹

Bayle então passa a citar passagens de Malebranche e Fardella em apoio desta tese, e como evidência que a prova cartesiana da existência de um mundo externo é inválida. Em seguida, considera as objeções de Arnauld a Malebranche a respeito da acusação que Arnauld fez a Malebranche de sustentar “*algumas proposições extravagantes, que estritamente tomadas, tendem ao estabelecimento de um pirronismo muito perigoso*”.²⁰

Estas três passagens em Bayle apresentam uma base para um ceticismo que nega tanto a realidade dos objetos sensíveis, ou seja, a existência independente dos objetos dos sentidos, como também a realidade da espécie de objetos reais postulados pelas “novas” filosofias de Descartes e Locke, ou seja, objetos consistindo de qualidades primárias. Todas as qualidades, tanto primárias como secundárias, são reduzidas ao status de aparências ou modificações da alma.

Um mundo de objetos reais que produz o mundo das aparências é desconhecido, e possivelmente incognoscível. Não há nenhuma evidência racional a favor da existência de uma realidade independente.

Esta apresentação de Bayle era aparentemente destinada a oferecer uma nova versão do ceticismo pirrônico, desenvolvido a partir de argumentos dos racionalistas do século XVII. Uma versão anterior tinha aparecido nos escritos de Montaigne e Gassendi, com base na declaração clássica do pirronismo de Sexto Empírico. Nestas apresentações, afirmava-se que os pirrônicos acreditavam que somente as aparências eram conhecidas, que não tínhamos meios de descobrir a natureza da realidade, e que tudo que era conhecido era apenas uma afecção da mente.²¹ Racionalistas como Descartes tinham tentado encontrar sua certeza sobre a natureza do mundo real com base nesta nova teoria pirrônica sobre as aparências, introduzindo a distinção entre qualidades primárias e qualidades secundárias; qualidades reais de objetos reais e qualidades aparentes de objetos irrealis. A “nova” filosofia estava completamente de acordo como o pirronismo do século XVII sobre as qualidades secundárias, e empregou muitos argumentos do arsenal pirrônico dos dez tropos do pirronismo clássico para defender esta negação da realidade das qualidades secundárias. A “nova” filosofia era oposta ao que

Hume chamou depois “o mais extravagante ceticismo”, a visão de que não há nada que possa ser dito dos objetos reais com existência contínua e independente fora de nossas mentes,²² uma vez que esta “nova” doutrina sempre manteve que havia um mundo externo composto de objetos que possuem qualidades primárias.

A nova apresentação de Bayle do pirronismo do século XVII é original principalmente na medida em que o grande cético tinha feito todos os “novos” filósofos seus aliados no pirronismo. Os mesmos tipos de argumentos céticos que eles aceitavam sobre as qualidades secundárias aplicavam-se também às supostas qualidades primárias reais; e portanto a “nova” filosofia, apesar de toda as suas corajosas tentativas, era apenas uma forma disfarçada daquele ceticismo mais extravagante – o pirronismo.²³

Melebranche, Fardella, Lannion, e outros já tinham mostrado que havia graves dificuldades na tentativa cartesiana de estabelecer uma demonstração da existência de um mundo físico real. Entretanto, eles não estavam dispostos a aceitar a conclusão cética. Bayle, armado não somente com seus argumentos, mas também com sua grande descoberta do igual status ontológico das qualidades primárias e secundárias, estava preparado para anunciar e propor o triunfo do pirronismo do século XVII, que nenhuma realidade externa pode ser conhecida, e que tudo o que conhecemos é somente uma série de modificações de nossa própria mente.

Bayle tinha sido bem sucedido ao mostrar que aqueles que negaram a realidade das coisas sensíveis eram realmente pirrônicos completos, uma vez que se nega qualquer realidade aos objetos de nossa percepção, o suposto mundo real de qualidades primárias é também negado e destruído.

Acredito que se pode mostrar de duas maneiras que o tipo de pirronismo de Bayle era aquele que Berkeley tinha em mente quando ele demonstrou refutar os céticos: (1) examinado a refutação de Berkeley, e (2) fornecendo evidências de que Berkeley tinha conhecimento do ceticismo de Bayle e foi despertado por ele.

Um dos temas de Berkeley nos *Comentários filosóficos*, *Princípios* e *Diálogos* é que ele tinha descoberto a origem do ceticismo, e podia mostrar-

-nos como evitar cair numa opinião tão aterradora. Ele apresenta sua própria posição como aquela que está mais distante do ceticismo.²⁴ Os céticos duvidam que podemos saber se alguma coisa realmente existe. Tudo com o qual podemos estar familiarizados são as aparências, que estão “na mente”. Berkeley alega ter encontrado a base dessa extravagante teoria na distinção entre aparências e objetos reais, ou entre o que é percebido e o que existe. E finalmente, Berkeley tenta mostrar-nos que todos os filósofos que acreditam na existência absoluta da matéria serão reduzidos ao ceticismo, visto que suas concepções estão sempre baseadas numa semelhante distinção.

No começo do terceiro diálogo entre Hylas e Philonous, Berkeley nos apresenta a imagem do homem que chegou à “la crise pyrrhonienne.” Hylas inicia a discussão com uma imagem deplorável dos limites do conhecimento humano. Ele está “mergulhado no mais profundo e deplorável *ceticismo*, e de tal modo como jamais alguém esteve.”²⁵ Hylas diz a Philonous que não podemos conhecer nada neste mundo, não podemos conhecer nada sobre a natureza real das coisas, nem mesmo se os objetos reais existem. Na medida do que podemos dizer, é impossível que objetos reais existam na Natureza. Tudo aquilo com o qual estamos familiarizados são ideias ou aparências em nossas próprias mentes, e nenhum objeto real pode existir com as qualidades que percebemos nas aparências.²⁶

Os perigos de cair no tipo de desespero cético em que encontramos o pobre Hylas são que ele é uma flagrante violação de nossas visões e práticas do senso comum ordinárias, e que ele abre o caminho da dúvida acerca dos princípios da religião. Os membros normais da raça humana não têm dúvidas céticas sobre a existência real dos objetos que percebem. Todo homem sensato consideraria uma visão cética semelhante à de Hylas como ridícula.²⁷ Assim, o filósofo que termina como um cético está fazendo uma farsa de sua profissão ao gastar sua vida “*duvidando do que outros homens conhecem de modo evidente, e acreditando no que eles riem e desprezam*.”²⁸ Se a filosofia quiser ser mais que uma inútil comédia, ela deve retornar às visões do vulgo e rejeitar como absurdas quaisquer visões que os comuns mortais não poderiam talvez acreditar. Caso contrário, acredita Berkeley, a filosofia não terá

nenhuma contribuição a dar para a vida real do homem.²⁹

Além disso, há o perigo de que o cético que duvida se alguma coisa existe levará as pessoas a duvidar dos princípios da verdadeira religião. Quando as pessoas vêem os homens mais instruídos professando uma ignorância de tudo, ou defendendo teorias absurdas, isso pode levar a suspeita de que as verdades mais sagradas e importantes são dubitáveis. O mesmo tipo de raciocínio que terminou no ceticismo também levou ao ateísmo.³⁰

O erro sobre o qual o ceticismo sempre se baseou, afirma Berkeley, é a distinção entre ideias e coisas, entre *percipi* e *esse*. É isso que leva o cético a declarar que a existência absoluta de qualquer objeto independentemente da mente é desconhecida.

Todo esse ceticismo decorre de supormos uma diferença entre *coisas* e *ideias*, e que as primeiras têm uma subsistência fora da mente, ou impercebida. Seria fácil estender-se sobre esse assunto e mostrar como os argumentos apresentados pelos *céticos* de todas as épocas dependem sempre da suposição de que há objetos externos.

À medida que atribuímos uma existência real a coisas não pensantes, diferente da de ser percebidas, não só nos será impossível conhecer com evidência a natureza de qualquer ser real não pensante como também que ele existe. Por isso vemos os filósofos desconfiarem de seus sentidos e duvidarem da existência do céu e da terra, de tudo o que veem ou sentem, inclusive de seus corpos.³¹

A posição de Berkeley aqui é que os clássicos argumentos pirrônicos sobre as ilusões, da torre redonda, do remo quebrado, do pescoço da pomba, etc. são decisivos se se distingue as ideias das coisas. Nossas ideias variam, e se as variações são atribuídas a uma realidade externa, seguem-se contradições. Nossas ideias são as únicas coisas que conhecemos; portanto não podemos dizer como as coisas são, ou se elas existem.³²

Toda a filosofia moderna, desde Descartes até Locke e Malebranche, reduz-se ao ceticismo. Isso *não* significa que a filosofia moderna é cética,

uma vez que Berkeley tem consciência que Descartes, Locke, e Malebranche todos sustentam que um mundo externo impercebido de coisas existe. Todos eles negam a realidade das coisas sensíveis, mas mantêm que um mundo corpóreo real de objetos compostos de qualidades primárias realmente existe. Entretanto, a distinção entre qualidades primárias e secundárias é insustentável; e, além disso, nem um traço de evidência ou significado pode ser dado para a afirmação de que um mundo incorpóreo impercebido existe. Assim, apesar dos esforços titânicos de Descartes, Locke, e Malebranche para apoiar sua negação da existência das qualidades sensíveis sem defender a dúvida pirrônica se alguma coisa existe, por meio de um apelo à perfeição de Deus, *a je ne sai quoi*, ou a autoridade da revelação das Escrituras, todos eles se tornaram advogados do pirronismo.

Esta transformação dos dogmáticos em céticos é realizada não por passe de mágica, mas por meio do apelo de Berkeley aos argumentos de tipo Bayleiano sobre as qualidades primárias, e de ataques semelhantes aos de Malebranche à prova de Descartes da existência de um mundo exterior. Além de afirmar que ninguém tem uma ideia geral abstrata de qualidades primárias, Berkeley tenta mostrar que os mesmos tipos de argumentos sobre a variabilidade das aparências que levou todos os filósofos modernos a negar a existência real das qualidades secundárias os levará a negar a realidade das primárias. Figura, extensão, solidez, e movimentos, tudo varia de acordo com nosso estado e circunstâncias. Coisas que dificilmente podem ser vistas por nós parecem grandes a um ácaro, objetos parecem em movimento para um observador e parados a um outro, etc. “Em suma, quem considerar esses argumentos, os quais provam manifestamente que cores e sabores existem só na mente, descobrirá que eles podem, com igual força, ser aduzidos para provar a mesma coisa a respeito da extensão, da figura e do movimento.”³³

Assim, como Bayle já havia salientado, a “nova” filosofia, ao basear-se nos argumentos pirrônicos sobre as qualidades secundárias, seria forçada a uma aliança profana com os céticos sobre o status das qualidades primárias. Tudo se tornaria aparência.

Para mostrar que não há nenhuma evidência ou significado para a ale-

gação de que a substância material existe, Berkeley desenvolve a tese de que a matéria é indefinível e a alegação de Malebranche e Bayle de que não há demonstração da existência da matéria. Para mostrar que não podemos ter nenhuma ideia da matéria, Berkeley primeiro apela para o fato que a substância material concebida como um substratum suportando qualidades e causando nossas percepções não faz nenhum sentido se se tiver mostrado que as qualidades primárias são mentais no mesmo sentido que as qualidades secundárias. Como pode a matéria “suportar” a extensão se ela não pode ser extensa (porque a extensão está “na mente, também”)? Como pode a matéria causar as percepções se ela não se move (uma vez que o movimento está “na mente”)? Assim, a alegação Bayleiana de que não há nenhuma diferença no status ontológico entre qualidades primárias e secundárias destrói a concepção de matéria da nova filosofia. Além disso, já que a matéria não é percebida, não sabemos nada a seu respeito.³⁴

Finalmente, Berkeley mostra que não podemos ter conhecimento de uma realidade material externa por meio da razão. Aqui ele se baseia no tipo de argumento de Malebranche e Bayle que a existência da matéria não é demonstrável. A partir disso, Berkeley passa a assinalar que não há nenhuma classificação em que a matéria se enquadra, nem acidente, ocasião, instrumento, etc.³⁵ Quando Hylas diz que tudo isso não prova a impossibilidade da existência da matéria, Philonous replica categoricamente,

Você não pode esperar, portanto, que eu demonstre uma contradição de ideias onde não há ideias; ou a impossibilidade da matéria tomada num sentido *desconhecido*, ou seja, em nenhum sentido absolutamente. Meu trabalho foi apenas o de mostrar que você não queria dizer *nada*, e isso você foi obrigado a reconhecer. De forma que, em todos os vários sentidos, foi demonstrado que você não queria dizer absolutamente nada ou, se queria dizer alguma coisa, era um absurdo. E, se isso não for suficiente para provar a impossibilidade de uma coisa, desejo que você me permita saber o que é.³⁶

Neste ponto o cético parece ter triunfado ao lançar em dúvida a visão

de que existe um mundo real. Uma vez feita a distinção entre aparência e realidade, o pirrônico é capaz de conquistar tudo ao mostrar que qualquer coisa que chegamos a conhecer é aparência. Ao invés de tentar, como os seus predecessores fizeram, deter a maré invasora do pirronismo defendendo corajosamente uma realidade não percebida como um último baluarte contra a ameaça do ceticismo, Berkeley seguiu o sábio conselho político de nossa época, “Se você não pode vencê-los, junte-se a eles.” Depois de juntar forças com os pirrônicos, Berkeley é capaz de mostrar que seus ataques são inócuos se *esse est percipi*. Os outros que tentaram opor-se ao ceticismo negando a realidade das coisas sensíveis foram capturados pelos céticos.

A fim de realizar esta revolução a partir de dentro, convertendo a negação pirrônica da realidade numa afirmação da realidade de todo o universo sensível, Berkeley simplesmente coloca juntas duas opiniões, uma do vulgo e outra dos pirrônicos do século XVII que os novos filósofos tinham aceitado – “o primeiro sendo da opinião de que *as coisas que ele imediatamente percebe são as coisas reais*, e os últimos, que *as coisas imediatamente percebidas são ideias que existem apenas na mente*. Essas opiniões reunidas constituem, com efeito, a substância daquilo que sustento.³⁷ Uma vez que o critério de realidade de Berkeley é juntado à tese dos céticos, esta é completamente subvertida, e resulta um realismo do senso comum³⁸. E a partir disso Berkeley deriva, por meio de sua teoria causal da percepção, toda a sua teoria do imaterialismo.³⁹

Assim, a subversão cética dos crentes na substância material é apenas metade da história. Uma vez que o mundo material invisível é removido, então podemos encontrar o mundo real imediatamente diante de nós onde os filósofos anteriores tinham simplesmente deixado de olhar. O mundo das coisas sensíveis realmente existe, embora os céticos tenham mostrado que ele está somente na mente. O mundo da aparência é o mundo da realidade. E assim Berkeley pode dizer com satisfação nos cadernos de anotações, “eu defendo mais a realidade do que quaisquer outros filósofos. Eles formulam mil dúvidas e não sabem certamente senão que podemos estar enganados. Eu afirmo diretamente o contrário.⁴⁰ Somente Berkeley com sua insistên-

cia que o mundo da aparência é o mundo real poderia defender o realismo do senso comum e desafiar o pirronismo em seu próprio campo de batalha, o mundo das coisas sensíveis. Somente Berkeley poderia aceitar os argumentos céticos e não suas conclusões niilistas e assim superar “la crise pyrrhonienne.” Desta maneira Berkeley subverte os argumentos da ilusão ou variação da experiência. Berkeley percebe que os tropos pirrônicos são poderosos apenas se se assume um mundo real para além das sensações. Se, ao contrário, se adota a visão de que *esse est percipi*, então não há exemplos de ilusões dos sentidos. A única possibilidade de erro com relação à percepção é a inferência que se faz a partir da experiência. As experiências do remo quebrado ou da torre que é redonda à distância não são experiências ilusórias, mas coisas sensíveis. Se inferirmos dessas experiências que perceberemos outras coisas sensíveis, então poderemos fazer uma inferência incorreta. Desta maneira, o que era tradicionalmente a parte mais forte do pirronismo é neutralizado pela revolução de Berkeley dentro da fortaleza do pirronismo.⁴¹

O segredo desta conquista do ceticismo, Berkeley está sempre disposto a admitir, é o exame da natureza da existência. Todos os filósofos anteriores, céticos ou não, distinguiram coisas e ideias, *esse e percipi*. Assim, quando os céticos mostraram que as coisas sensíveis eram ideias, isso pareceu ser um resultado devastador. No entanto, uma vez que entendermos que *esse est percipi*, Berkeley alegou que nenhuma objeção cética pode ser perigosa. Assim, ele pode fazer sua observação em seus cadernos de anotações,

Mem: Mostrar diligentemente que muitos dentre os filósofos antigos chegaram ao grande absurdo de negar inclusive a existência do movimento e aquelas outras coisas que realmente percebiam por meio de seus sentidos. Isso surgiu de que não sabiam o que era a existência, e de que consistia esta a fonte de toda sua loucura; é sobre a descoberta da natureza, significado e importância da existência que insisto principalmente. Isto introduz uma ampla diferença entre os céticos e eu. Penso que isso é totalmente novo. Estou seguro de que para mim é novo.⁴²

Esta descoberta da origem da força do pirronismo do século XVII, eu acredito, decorre das descobertas de Bayle e Malebranche. Todos os filósofos modernos anteriores a Berkeley tinham caído na armadilha do cético, e tinham distinguido aparência de realidade. Somente Berkeley foi capaz de aceitar os cétricos em seu mundo e ainda oferecer uma teoria da realidade das coisas sensíveis. Descartes, Locke, e Malebranche, todos tinham reduzido o mundo sensível às aparências e lutado valentemente, embora sem sucesso, para defender uma teoria da existência real de um mundo material. Berkeley tinha recusado seguir seus exemplos depois de ver que o tipo de análise Bayleiana e Malebranchiana reduzia tais tentativas ao ceticismo. Em vez disso, Berkeley escolheu subverter o tipo de pirronismo Bayleiano, e usá-lo para defender a realidade das coisas sensíveis, no lugar de uma substância material impercebida. Bayle tinha mostrado que só conhecemos a existência das coisas sensíveis. Isso, Berkeley mostrou, era conhecer a existência de um mundo real. Esta vitória dialética sobre o pirronismo é claramente colocada nas passagens finais dos *Diálogos*. Hylas diz: “Você partiu dos mesmos princípios que os acadêmicos, cartesianos e outras seitas comumente partem, e durante muito tempo pareceu que estava sustentando o mesmo *ceticismo* filosófico deles. Mas, no final, suas conclusões são diretamente opostas às deles.”

Philonous replica em sua fala de encerramento, “Você vê, Hylas, como a água daquele chafariz é forçada para cima, em uma coluna redonda, até certa altura, ao chegar à qual ela quebra e cai de volta na fonte de onde aflo- ra? Sua subida, bem como sua descida, procedem da mesma lei ou princípio uniforme da gravitação. Da mesma forma, os mesmos princípios que, à primeira vista, levam ao ceticismo, se seguidos até certo ponto, levam os homens de volta ao senso comum”⁴³

Descartes tinha aceitado um pirronismo parcial, uma negação da realidade das coisas sensíveis, para defender sua visão da verdadeira natureza das coisas. Bayle, empregando sua descoberta sobre as qualidades primárias e a visão de Malebranche sobre a evidência a favor da existência de um mun-

do material, tinha desencadeado uma nova “crise pirrônica” ao mostrar que este pirronismo parcial rapidamente se converteria num completo ceticismo, uma negação de toda realidade. Berkeley, com seu novo princípio foi capaz de superar a crise seguindo Bayle até certo ponto e então acrescentando um novo final para a história dos céticos.

Ver Berkeley em relação ao pirronismo também ajuda a ver a originalidade de sua metafísica. Em seu *Berkeley and Malebranche*,⁴⁴ A. A. Luce defende a originalidade do imaterialismo de Berkeley, mantendo que uma tal visão não estava “no ar” no começo do século XVIII, embora o materialismo estivesse. Esta visão foi atacada recentemente por Anita D. Fritz, em seu artigo “Malebranche and the Immaterialism of Berkeley”,⁴⁵ seu principal argumento sendo que os princípios de Malebranche implicam logicamente uma teoria imaterialista, a qual foi desenvolvida por Berkeley. Nos termos da interpretação das concepções de Berkeley sobre o ceticismo que estive apresentando neste artigo, penso que se pode oferecer um delineamento mais preciso da originalidade de Berkeley. No início do século XVIII dois tipos de teorias estavam em voga, uma defendendo que algum tipo de realidade material existia (Descartes, Locke, e Malebranche), a outra duvidando se alguma coisa fora da mente realmente existia (pirronismo Bayleiano). A “visão de todas as coisas em Deus” de Malebranche tendia na direção de ignorar ao invés de negar o materialismo, e tornar o mundo real uma das essências na Mente de Deus. O imaterialismo de Berkeley é uma inovação radical nesta batalha de ideias, com base na teoria Malebranchiana de que a Mente de Deus é a fonte de tudo o que existe, e na insistência pirrônica de que só conhecemos as aparências. A inovação é que o mundo real, produzido e sustentado por alguma substância espiritual ou substâncias, é o mundo da aparência. Apesar de Berkeley e Malebranche poderem concordar que a origem de tudo era imaterial, e que somente o espírito pode ser eficaz neste universo, eles nunca concordariam sobre o status da aparência. O *esse est concepi* de Malebranche é de um universo distinto que o *esse este percipi* de Berkeley. O imaterialismo para o qual Malebranche tendia era um imaterialismo de essências suportadas pelo Espírito, ao passo que Berkeley descrevia

um mundo de aparências suportadas pelo Espírito. Malebranche concebia a realidade como radicalmente diferente da aparência, e, portanto, relegou as aparências como sendo meras “modificações da alma” diferentes das naturezas reais que existiam na mente de Deus. Berkeley se recusou a desistir da tese pirrônica de que tudo o que podemos conhecer é a aparência, e ao oferecer um fundamento para a aparência, oferece um fundamento que torna a aparência real, não irreal. Em seus cadernos de anotações, Berkeley insiste que ele, diferentemente de Malebranche, não tem nenhuma dúvida da existência dos corpos.⁴⁶ As doutrinas de Malebranche podem levar logicamente a um tipo de imaterialismo, mas certamente não ao de Berkeley, uma vez que o primeiro permanece ainda na armadilha pirrônica de distinguir o real do percebido. A singularidade do imaterialismo de Berkeley é que ele fornece uma base para o mundo pirrônico das aparências na mente.

Interpretar Berkeley como um desafio ao pirronismo de Bayle fornece alguma base para a alegação de Berkeley de ser o refutador do ceticismo. Se as passagens que citei do *Dicionário* de Bayle foram conhecidas por Berkeley, elas podem tê-lo levado a ver que a monumental descoberta de Bayle sobre as qualidades primárias e a destruição por parte de Malebranche e Bayle dos argumentos para provar que um mundo externo real existe, significava que se se negava a realidade das coisas sensíveis, seguir-se-ia disso a realidade de todas as coisas. Assim, Descartes, Locke, e Malebranche, seriam forçados ao ceticismo. E isso, por sua vez, poderia ter levado à análise de Berkeley da origem do ceticismo, e à sua descoberta do novo princípio pelo qual ele escapou da conclusão pirrônica.

Quando se trata de provar historicamente que foi isso o que ocorreu, descobre-se que há muita evidência para tornar isso provável, senão certo. Dois grandes especialistas sobre Berkeley, A. A. Luce e T. E. Jessop, examinaram as evidências que unem Bayle e Berkeley e aparentemente chegaram a um crescente reconhecimento de que é mais que provável que havia uma conexão direta entre o *Dicionário* de Bayle e a filosofia de Berkeley. Em seu *Berkeley and Malebranche*, publicado em 1934, A. A. Luce mostrou que uma cópia do *Dicionário* de Bayle foi vendida no leilão da biblioteca de Berke-

ley; Luce disse: “eu suspeito que Bayle exerceu considerável influência sobre Berkeley, mas não posso prová-lo.”⁴⁷ Depois de discutir alguma evidência, Luce concluiu sua discussão sobre Bayle sugerindo que Bayle foi provavelmente uma das fontes mais importantes de Berkeley, situando-se, em importância, depois de Malebranche e Locke.⁴⁸ Em 1944, Luce afirmou numa nota a sua edição dos *Comentários filosóficos* que Berkeley foi provavelmente influenciado por Bayle, especialmente pelos artigos sobre Pirro e Zenão.⁴⁹ Mais recentemente, em suas notas aos *Comentários filosóficos* numa edição diferente, Luce afirmou categoricamente que o *Dicionário* de Bayle, e especialmente os artigos sobre Pirro e Zenão, “tiveram considerável influência sobre o pensamento de Berkeley”.⁵⁰ Nenhuma razão é oferecida para chegar a esta conclusão definitiva sobre a questão. Jessop, em suas notas aos *Princípios*, sugere três lugares onde Berkeley pode ter sido influenciado pelos artigos de Bayle sobre Pirro e Zenão.⁵¹

A posição mais positiva de Luce sobre o assunto é apoiada pelo fato de que há evidências. Até onde sei, Berkeley menciona Bayle somente três vezes em suas obras. Há duas referências quase idênticas a Bayle nos *Comentários filosóficos*, anotações 358 e 424, as quais dizem, “Os argumentos de Malebranche e de Bayle parece que não provam contra o espaço, mas somente contra os corpos”, e “Os argumentos de Bayle e Malebranche etc., parece que não provam contra o espaço, mas só contra os corpos.”⁵² Em sua *Teoria da visão confirmada e explicada*, Bayle é mencionado junto com Hobbes, Leibniz e Spinoza como um inimigo perigoso da religião.⁵³ Esta última referência tem pouco valor aqui, uma vez que aparece numa obra escrita muito depois dos *Princípios* e dos *Diálogos*. Sugiro, entretanto, que Berkeley tinha Bayle em mente quando listou como um dos perigos do ceticismo que ele conduz à negação dos princípios da religião.

As duas anotações nos *Comentários filosóficos* podem facilmente ser lidas como referências à discussão de Bayle nos artigos sobre Pirro e Zenão, em cujo caso a ligação dos nomes de Bayle e Malebranche faria sentido, uma vez que Bayle introduz os argumentos de Malebranche em ambos os artigos.⁵⁴ Além disso, no artigo sobre Zenão a discussão começa com os

argumentos de Zenão sobre o espaço, antes de chegar à discussão do status das qualidades primárias e a existência dos corpos; e os argumentos de Bayle e Malebranche dizem respeito apenas aos corpos e não ao espaço.

Outra evidência nos *Comentários filosóficos* de que Berkeley tinha lido os artigos sobre Pirro e Zenão podem ser encontradas na anotação 79 referente à Fardella, e em muitas das anotações sobre a infinita divisibilidade, e.g. número 26. Além das poucas anotações que parecem quase certamente referir-se aos artigos de Bayle, há um enorme número que estão de acordo com o texto de Bayle. A anotação sobre Fardella diz: “Mem. que eu reconheço que não estou de acordo com os cétricos Fardella, etc., na medida em que penso que os corpos existem indubitavelmente, ao passo que eles duvidam disso.”⁵⁵ Não há nenhuma evidência de que Berkeley leu Fardella, e ele é citado no artigo de Bayle sobre Zenão, nota H, num contexto que poderia levar a achar que fosse associado com os cétricos.⁵⁶ Em relação a infinita divisibilidade, quase todos os argumentos de Berkeley sobre o assunto aparecem no artigo de Bayle sobre Zenão. Na anotação 26 Berkeley conecta o problema da infinita divisibilidade com o problema da existência exterior, exatamente como Bayle fez no artigo sobre Zenão.⁵⁷

A última peça de evidência direta ligando Bayle e Berkeley é uma peça que nem Luce nem Jessop parecem ter notado – ou seja, que os mesmos tipos de exemplos são usados tanto por Bayle como por Berkeley sobre a questão das qualidades primárias. Ao mostrar que a extensão das coisas varia como a cor o faz, ambos os filósofos apelam para como os objetos apareceriam a animais diminutos, moscas ou ácaros, e como os objetos aparecem sob a ampliação. Eles também apelam para a mudança de tamanho e forma dos objetos quando mudamos de posição.⁵⁸ Pode ser uma coincidência que Bayle e Berkeley tenham descoberto os mesmos fatos sobre as qualidades primárias, mas dificilmente poderia ser uma coincidência o fato de eles terem usado os mesmos tipos de exemplos para provar suas afirmações.

Assim, considerando a popularidade do *Dicionário* de Bayle; o fato de que uma cópia pertencente à biblioteca de Berkeley foi leiloada;

as duas referências à Bayle nos cadernos de anotações; a menção de Fardella nos cadernos de anotações; os mesmos argumentos sobre a infinita divisibilidade nos cadernos de anotações e no artigo sobre Zenão; a mesma teoria sobre as qualidades primárias; e a semelhança dos exemplos sobre o assunto; penso que temos mais que apenas evidências prováveis de uma conexão entre a filosofia de Berkeley e o *Dicionário* de Bayle.

Como uma última pequena evidência em apoio da interpretação de Berkeley como um antagonista do pirronismo Bayleiano, gostaria de apelar para o modo como ele foi lido por Andrew Baxter e Thomas Reid. Baxter considera Berkeley como um pirrônico extremo, na mesma classe de Bayle ou Pirro. O tipo de raciocínio de Berkeley ao negar o mundo material levaria por sua vez a negar o mundo espiritual, também, e assim ao completo pirronismo. A tentativa de Berkeley de refutar o ceticismo somente leva ao “mais insano e ilimitado ceticismo”. Baxter trata a concepção de Berkeley como sendo uma negação de que existe um mundo real em qualquer lugar, e semelhante visão ele situa na tradição pirrônica. Assim Baxter considera que o ceticismo de Berkeley não é um antídoto, mas, na verdade, uma forma pior de doença. Ele diz sobre a alegação de Berkeley ter refutado o ceticismo, “Penso que isso é como se a gente afirmasse que a melhor maneira para uma mulher silenciar aqueles que poderiam atacar sua reputação é que ela se tornasse uma prostituta ordinária. Ele nos coloca em condições de negar todas as coisas para podermos nos livrar do absurdo daqueles que negam algumas coisas”.⁵⁹ Ao longo de sua resposta a Berkeley, Baxter mantém o desenvolvimento da relação do pirronismo com a filosofia moderna, e situa Berkeley na absurda posição do homem que tentou evitar o pirronismo defendendo-o.⁶⁰

Reid tem o cuidado de nunca acusar Berkeley de ser um cético como Hume, mas trata-o como o primeiro a ver que os sistemas de Descartes e Locke levam ao ceticismo, e que isso pode ser evitado eliminando o mundo material do sistema. Infelizmente, Reid observa, Hume mostrou que o sistema de Berkeley, apesar de todas as tentativas para evitá-lo, levou ao ce-

ticismo, também. Então, Reid considera o papel histórico de Berkeley no colapso da filosofia de tipo cartesiano como a de alguém que percebeu que estava tendendo para o ceticismo e que pensou que poderia evitá-lo por meio de seu imaterialismo.⁶¹

Assim, ambas essas interpretações, tanto a de Baxter como a de Reid, situam Berkeley no contexto de um oponente das tendências céticas na filosofia moderna, e ambos o veem, infelizmente, mergulhar de cabeça no maior de todos os desastres céticos.

A alegação deste artigo é, então, que Berkeley propos-se a refutar o ceticismo por causa da “crise pyrrhonienne” que Bayle acabara de trazer à luz. Bayle, como seu discípulo posterior, Hume, tinha transformado todo o empendimento da filosofia moderna num novo pirronismo – uma dúvida da existência real de tudo, e uma afirmação de que tudo com o que poderíamos estar familiarizados eram as aparências mentais. Este tipo de pirronismo Bayleiano foi uma flagrante violação do senso comum, e levou, mesmo nas mãos de seu criador, ao livre pensamento e a dúvida dos princípios cristãos. Berkeley percebeu também, como Reid o fez depois, que este tipo de pirronismo cético atinge suas desastrosas conclusões através de uma distinção entre o real e o percebido. Berkeley acreditou que o argumento pirrônico de que tudo com o qual temos contato é uma série de aparências na mente, era inegável. Mas poder-se-ia evitar a consequência aterradora disso por meio de uma teoria da natureza da realidade. Mediante os argumentos de Bayle mostrava-se que a teoria dos “novos filósofos”, de que os objetos reais eram constituídos de qualidades primárias, era insustentável. Sua afirmação de que um mundo de realidade era inferido a partir do mundo das aparências se mostrou insustentável pelos argumentos de Malebranche, Fardela, e Bayle. Daí o desafio cético tinha de ser enfrentado por meio de uma nova teoria da realidade – o mundo da aparência é o mundo real. Esta tese juntamente com a teoria do imaterialismo para explicar a causa e o status do mundo da aparência, proporcionaria um novo fundamento para o conhecimento humano. O pirronismo Bayleiano destruiu o mundo dos filósofos do século XVII. Berkeley tentou construir um novo mundo a partir do pirronismo

Bayleiano, com o ceticismo pavimentando a via da verdade. Infelizmente, Hume virou o ataque cético contra o novo realismo de Berkeley e o reduziu novamente ao pirronismo, e Reid seguiu mais uma vez com uma tentativa de encontrar uma realidade material a salvo dos ataques dos céticos.

Notas

* Publicado originalmente em *The Review of Metaphysics* 5 (1951); reimpresso em Burnyeat, Myles (org.) *The Skeptical Tradition*. University of California Press, 1983, p. 377-396 e em Richard A. Watson and James E. Force (Editors). *The high road to Pyrrhonism*, p. 297-318. [Agradecemos ao Prof. Jeremy D. Popkin, University of Kentucky, pela autorização para a publicação desta tradução.]

1 George Berkeley, *The Principles of Human Knowledge* (daqui em diante citado como *Principles*), in *The Works of George Berkeley, Bishop of Cloyne*, ed. A. A. Luce and T. E. Jessop, vol. II (London and Edinburgh, 1949), p. 1 (Todas as referências aos *Principles* [*Princípios*], *Dialogues* [*Diálogos*], *Philosophical Commentaries* [*Comentários filosóficos*], e *Theory of Vision Vindicated* [*Teoria da visão confirmada e explicada*] são ao texto desta edição.)

2 George Berkeley, *Three Dialogues between Hylas and Philonous* [*Três diálogos entre Hylas e Philonous*], p. 147. (Esta obra é daqui em diante citada como *Dialogues* [*Diálogos*]).

3 Berkeley, *Princípios*, Introdução, par. 1, p. 25. No rascunho original desta introdução, Berkeley havia dito: “[os homens] são frequentemente, por causa de seus princípios, levados à necessidade de admitir a mais irreconciliável opinião ou (o que é pior) cair num ceticismo desesperado” *Ibid.*, p. 121.

4 *Ibid.*, Introdução, par. 4-5, p. 26.

5 *Diálogos*, Prefácio, p. 168. Ver também p. 167. A opinião é reiterada novamente na p. 168 quando Berkeley alega que a principal virtude de sua teoria, se correta, seria que “os desencorajamentos que arrastam ao ceticismo [seriam] removidos”.

6 George Berkeley, *Comentários filosóficos* (Commonplace Book), in *Works of Berkeley*, vol. I (London and Edinburgh, 1948), p. 52, anotação 411.

7 *Ibid.*, p. 70, anotação 563. Ver também p. 15, anotação 79, p. 38, anotação 304, e p. 61-62, anotação 491.

8 Benjamim Rand, *Berkeley and Percival: The Correspondence of George Berkeley and Sir John Percival* (Cambridge, 1914), p. 83.

9 *Ibid.*, p. 80-83.

10 Cf. Andrew Baxter, *An Enquiry into Nature of the Human Soul*, vol. II, 2d Ed. (London, 1737), sec. II, especialmente p. 258-260, 267, 270-272, 279-280, 284, e 310; e David Hume, *An Enquiry Concerning Human Understanding*, Open Court edition (La Salle, III, 1949), sec.

XII, p. 173 n.

11 Os mesmos problemas poderiam ser levantados com relação ao ateísmo e aos ateístas, mas esta não é a preocupação desse artigo.

12 Ver por exemplo, G. A. Johnston, *The Development of Berkeley's Philosophy* (London, 1923), p. 57-59 e 70.

13 Cf. Pierre Villey-Desmeserets, *Les Sources et l'Évolution des Essais de Montaigne*, vol. II (Paris, 1908), p. 230. Isso é o que ele acredita que aconteceu com Montaigne ao ler Sexto Empírico.

14 Rand, *Berkeley and Percival*, p. 83, “os céticos, que não são positivos em relação a qualquer verdade.” Também, nos *Diálogos*, p. 173, Hylas explica que o que ele significa por um cético é “alguém que duvida de tudo”.

15 Cf. *Comentários filosóficos*, p. 61, anotação 491. Também nos *Diálogos*, p. 173, Hylas oferece como uma segunda definição de um cético, “O que você pensa da desconfiança dos sentidos, de negar a real existência das coisas sensíveis, ou de fingir que nada conhecemos a seu respeito? Não será isso suficiente para denominar um homem de *cético*?” E, na carta a Percival mencionada acima, Berkeley afirmou que ele não desejava ser confundido com os céticos, que duvidam da existência das coisas (Rand, *Berkeley and Percival*, p. 83).

16 Cf. *Comentários filosóficos*, p. 15, anotação 79, “Mem. que eu reconheço que não estou de acordo com os céticos Fardella, etc., na medida em que eu penso que os corpos existem indubitavelmente, ao passo que eles duvidam disso.” Ver também anotações 304-305, p. 38. Este significado do ceticismo é tornado mais claro nos *Princípios*, pars. 86 e seg., p. 78-79.

17 Pierre Bayle, *The Dictionary Historical and Critical*, 2d Ed. (London, 1737), IV, 654. A redução das qualidades primárias ao mesmo status que as secundárias tinha já sido sugerida, como Bayle notou aqui, pelo ábade Foucher em sua *Critique de la recherche de la vérité* (Paris, 1675), p. 44-80, esp. p. 78-80. Em Foucher a questão não é colocada tão claramente como nos escritos de Bayle, nem é tirada uma conclusão tão radical. A intenção de Foucher era mostrar como os céticos acadêmicos e pirrônicos poderiam destruir facilmente a filosofia de Malebranche e de Descartes. O objetivo de Bayle é reduzir toda filosofia moderna ao pirronismo.

18 *Ibid.*, V, 612.

19 *Ibid.*, V, 614.

20 *Ibid.*, V, 615.

21 Cf. Sexto Empírico, *PH* I 19-24 e II 22-79, esp. 72; Michel de Montaigne, “Apology de Raimond Sebond”, in *The Essays of Montaigne*, trad. E. J. Trechmann (New York and London, n.d.), ii, 16-17 e 45-50; e Petrus Gassendi, *Syntagma philosophicum, De Logicae fine*, Caput III, “Modi Epoches Scepticorum circa Veritatem, ipsiusque Criteria,” In *Opera*, vol. I (Lyon, 1658).

O pirronismo do século XVII é um movimento que tem sido quase completamente negligenciado.

- 22 Cf. David Hume, *A Treatise of Human Nature*, ed. Selby-Bigge (Oxford, 1949), p. 214 e 228. Arnauld, in *La logique ou l'art de penser* tratou a dúvida de saber se um mundo real existe como uma das características mais fantásticas do pirronismo.
- 23 Cf. Francisque Bouillier, *Histoire de la philosophie cartésienne*, 3d Ed., vol. II (Paris, 1868), p. 487; François Picavet, “Bayle,” in *La Grande Encyclopédie*, vol. V (Paris, 1888), p. 951. Jena Delvolvé, *Religion, critique et philosophie positive de Bayle*, (Paris, 1906), p. 252-253 e 256; e F. Pillon, “Le scepticisme de Bayle”, *L'année philosophique* 6 (1895), 193-194.
- 24 Berkeley, *Princípios*, par. 40, p. 57.
- 25 *Diálogos*, p. 229
- 26 *Ibid.*, p. 227-228.
- 27 Cf. *ibid.*, p. 172, 211, 229, 237, e 246.
- 28 *Ibid.*, Prefácio, p. 167.
- 29 Ver, e.g., *ibid.*, Prefácio, p. 167-168.
- 30 Ver *ibid.*, p. 171-172, e *Princípios*, pars. 92-93, p. 81-82. Em Baxter, *Enquiry*, o autor, que interpreta Berkeley como um cético, acha que uma das principais razões para refutá-lo é que o ceticismo leva à irreligião. Cf. p. 280 e 293.
- 31 *Princípios*, pars. 87-88, p. 79. ver também par. 86, p. 78, par. 92, p. 81, par. 101, p. 85; *Diálogos*, p. 228-229, 246, e 258; e *Comentários filosóficos*, anotação 606, p. 75. A última afirma, “A suposição de que as coisas são distintas das ideias elimina toda verdade real e, em consequência, introduz um ceticismo universal, pois a totalidade de nosso conhecimento e contemplação confina-se apenas a nossas próprias ideias.”
- 32 Ver *Diálogos*, p. 174-207 e 258.
- 33 *Princípios*, pars. 16-18, p. 47-48, e *Diálogos*, p. 198 e 215-217.
- 34 Cf. *Princípios*, pars. 16-18, p. 47-48, e *Diálogos*, p. 198 e 215-217.
- 35 Cf. *Princípios*, pars. 18-20, p. 48-49, e *Diálogos*, p. 217-225. Ver também Nicolas Malebranche, *De la recherche de la verité*, ed. Geneviève Lewis (Paris, 1945), III, Éclaircissement vi, p. 24-33 ; Nicolas Malebranche, *Dialogues on Metaphysics and Religion*, trad. Morris Ginsberg (New York, 1923), I, v, p. 75-77, e VI, v-vi, p. 167-168; e Pierre Bayle, *Dictionary*, art. *Pirro*, Nota B, e art. *Zenão*, notas G e H.
- 36 *Diálogos*, p. 226.
- 37 *Ibid.*, p. 262.
- 38 Que a teoria de Berkeley é uma defesa do realismo do senso comum tem sido mais fortemente apontado pelo ensaio de F. J. E. Woodbridge, “Berkeley’s Realism,” in *Studies in the History of Ideas*, vol. I, edited by the Department of Philosophy, Columbia University (New York, 1918), p. 188-215.
- 39 Ver, e.g. *Diálogos*, p. 211 e seg.
- 40 *Comentários filosóficos*, anotação 517a, p. 64, e anotação 19, p. 10. Ver também *Princípios*, pars. 3-4, p. 42, pars. 34-35, p. 55 e par. 40, p. 57; *Diálogos*, p. 229-230, 237-238, 244, 249, 260 e 262; e *Comentários filosóficos*, anotação 305, p. 38.

41 Cf. *Diálogos*, p. 238.

42 *Comentários filosóficos*, anotação 491, p. 61-62.

43 *Diálogos*, p. 262-263.

44 A. A. Luce, *Berkeley and Malebranche* (London, 19334), p. 47-48.

45 Anita Dunlevy Fritz, “Malebranche and the Immaterialism of Berkeley,” *Review of Metaphysics* 3 (1949-50), 59-

46 *Comentários filosóficos*, anotação 686a, p. 84 e anotações 800-801, p. 96. Em conexão com esta diferença entre as concepções de Berkeley e Malebranche, e cuja originalidade eu alego ser do primeiro, alguma menção deve ser feita à tese de John Wild concernente a natureza da filosofia de Berkeley. O professor Wild, em sua interessante obra, *George Berkeley* (Cambridge, Mass., 1936), tentou mostrar que a carreira filosófica de Berkeley representou o desenvolvimento de uma “lógica concreta”, que descartou abstrações e imagens fragmentárias da realidade, e apontou para uma realidade transcendental em relação à qual a razão estava sempre tateando. Nesta interpretação *Siris* é vista como a culminação da filosofia neoplatônica ou hegeliana que Berkeley estava criando através de sua insatisfação e desilusão com a filosofia da época.

É impossível no escopo deste artigo fazer justiça às opiniões de Wild, mas nos termos de minha argumentação a respeito da relação de Berkeley com o pirronismo, penso que a interpretação de Wild dá muito pouca importância à principal contribuição de Berkeley para a guerra do século XVII e XVIII contra o pirronismo. Em vez de aplicar uma “lógica concreta” para a questão, Berkeley defendeu um realismo de senso comum, e apareceu com a surpreendente descoberta que desta maneira os argumentos pirrônicos poderiam ser aceitos e tornados inócuos. A filosofia malebranchiana, ao rejeitar esse realismo, nunca poderia vencer a ameaça cética. Berkeley certamente merece ser reconhecido por oferecer esta nova maneira de sair de algumas das dificuldades básicas da filosofia moderna. As opiniões de Berkeley sobre a natureza da realidade por trás do mundo do senso comum, ou da qual o mundo do senso comum depende, pode tê-lo levado à suas opiniões posteriores em *Siris*. Isso, entretanto, não destrói ou diminui a originalidade inicial dos *Princípios* e dos *Diálogos*. Independentemente do que a concepção de Berkeley possa ter se tornado depois, ou de como suas concepções posteriores possam se relacionar, uma de suas principais contribuições para a filosofia do século XVIII foi sua nova maneira de lidar com velhos problemas por meio da admissão da força do ceticismo, e, em seguida, mostrando a inocuidade do ataque se o mundo dos sentidos é o mundo real.

47 Luce, *Berkeley and Malebranche*, p. 53.

48 *Ibid.*, p. 55.

49 George Berkeley, *Philosophical Commentaries* [*Comentários filosóficos*], Ed. A. A. Luce (London, 1944), nota referente à anotação 358, p. 388.

50 *Comentários filosóficos*, in *Works of Berkeley*, vol. I, nota referente à anotação 358, p. 122.

51 *Princípios*, notas às p. 44, 76 e 95.

52 *Comentários filosóficos*, p. 43 e 53.

53 George Berkeley, *The Theory of Vision Vindicated*, in *Works*, I, 254. Luce sugere em seu *Berkeley and Malebranche* que as concepções antirreligiosas de Bayle podem ser responsáveis pela quase completa omissão do nome de Bayle nos escritos de Berkeley.

54 No artigo do Sr. Fritz, “Malebranche and the Immaterialism of Berkeley”, é sugerido que Berkeley está se referindo a *Recueil de quelques pièces curieuses concernant la philosophie de Monsieur Descartes*, de Bayle. Ver Fritz, p. 77. No entanto, acho que isso é improvável, já que o interesse de Bayle naquela obra é na oposição religiosa a Descartes, e nela Bayle não apresenta quaisquer argumentos para os quais as observações de Berkeley sejam apropriadas.

55 *Comentários filosóficos*, p. 15.

56 Bayle, *Dicionário*, V, 614.

57 *Comentários filosóficos*, p. 10, e a nota de Luce em sua edição de 1944 dos *Philosophical Commentaries* [*Comentários filosóficos*] para as anotações 26 e 258, p. 325 e 388.

58 Bayle, *Dicionário*, art. *Zenão*, nota G, vol. V, 612; e *Diálogos*, p. 188-189.

59 Baxter, *Enquiry into the Nature of the Human Soul*, II, 284. A discussão sobre Berkeley ocorre na Seção II, p. 256-344.

60 Uma posição de algum modo semelhante é defendida em *An Essay on the Nature and Immutability of Truth, in Opposition to Sophistry and Scepticism*, de James Beattie, in *Essays* (Edinburgh, 1776), Parte II, cap. II, sec. 2, p.187-189.

Também em *Examen du Pyrrhonisme*, de Jean Pierre de Crousaz (La Haye, 1733), p. 97, e *A New Treatise of the Art of Thinking* (London, 1724), I, 42. Berkeley foi aparentemente aludido pela nota, “Un auteur moderne pretend renverser le Pyrrhonisme, en niant l’Existence des Corps, & n’admettant que celle des Esprits.” Este ponto de vista é então mostrado ser fantástico e inacreditável.

61 Cf. Thomas Reid, *Inquiry into the Human Mind*, I, v e vii; e Thomas Reid, *Essays on the Intellectual Powers of Man*, II, 10-11. É interessante notar o que Hume disse de Berkeley numa nota depois de ter indicado o argumento de Berkeley contra as ideias gerais abstratas. “Este argumento é tomado de empréstimo do Dr. Berkeley; e, de fato, a maior parte dos escritos desse autor extraordinariamente habilidoso compõe as melhores lições de ceticismo que se pode encontrar entre os filósofos antigos ou modernos, incluindo aí Bayle. Ele declara, entretanto, na folha de rosto (e sem dúvida com grande sinceridade), ter composto seu livro contra os céticos, bem como contra os ateus e os livre-pensadores. Mas todos os seus argumentos, embora visem a outro objetivo, são, na realidade, meramente céticos, o que fica claro ao se observar *que não admitem nenhuma resposta e não produzem nenhuma convicção*. Seu único efeito é causar aquela perplexidade, indecisão e embaraço momentâneos que são o resultado do ceticismo.” David Hume, *Na Enquiry Concerning Human Understanding*, sec. XII, part I, Open Court edition, p. 173 n.